

Análise pragmático-discursiva de cartas trocadas entre Epifânio Dória e José Calasans

Pragmatic-discursive analysis of letters exchanged between Epifânio Dória and José Calasans

Renata Ferreira Costa*

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil

José Douglas Felix de Sá**

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil

Luiza Daviane Santos Barbosa***

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo sobre a natureza da comunicação epistolar entre Epifânio Dória e José Calasans, dois representativos intelectuais sergipanos que mantiveram correspondência por dezesseis anos. Os *corpora* epistolares em análise são edições semidiplomáticas, isto é, conservadoras do estado de língua em que os textos foram escritos, de missivas manuscritas e datiloscritas de Epifânio Dória (1884-1976) e José Calasans (1915-2001), que se encontram nos espólios desses intelectuais salvaguardados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). A análise empreendida considera o exame das condições de produção e circulação dos textos epistolares e o seu papel na história e na sociedade. A eleição da carta como objeto de pesquisa, visando à reflexão sobre sua contextualidade, permitiu que a análise textual se conjugasse com uma perspectiva pragmática, pela própria natureza dessa situação comunicativa. Assim é que, no contexto da superfície textual, em nível pragmático-discursivo, foram sistematizadas e analisadas as rotinas verbais de abertura, pré-fecho e fecho das cartas, de acordo com o modelo de Análise Interacional da Comunicação Epistolar (AICE), proposto pela professora e pesquisadora Isabel Roboredo Seara.

Palavras-chave: Pragmática textual. Rotinas Verbais. Epistolografia. Discurso Epistolar. Cartas Pessoais.

Abstract: This article aims to present a study on the nature of the epistolary communication between Epifânio Dória and José Calasans, two intellectuals from Sergipe who maintained correspondence for sixteen years. The epistolary corpora under analysis are semi-diplomatic editions, that is, conservative of the state of the language in which the texts were written, of handwritten and

* Professora do Departamento de Letras Vernáculas, do Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil; renataferreiracosta@yahoo.com.br

** Graduado em Letras Português-Inglês, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil; felixdesa@hotmail.com

*** Graduada em Letras Vernáculas, bolsista PIBIC/COPEs, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil; luiza.daviane@hotmail.com

typewritten missives by Epifânio Dória (1884-1976) and José Calasans (1915-2001), found in the file of these intellectuals safeguarded at the Historical and Geographic Institute of Sergipe (IHGSE). The textual analysis undertaken considers the examination of the conditions of production and circulation of epistolary texts and their role in history and society. The choice of the letter as an object of research, aiming at reflecting on its contextuality, allowed the textual analysis to be combined with a pragmatic perspective, due to the nature of this communicative situation. Thus, in the context of the textual surface, at the pragmatic-discursive level, the verbal routines of opening, pre-closing and closing the letters were systematized and analyzed, according to the model of Interactional Analysis of Epistolary Communication (AICE), proposed by professor and researcher Isabel Roboredo Seara.

Keywords: Textual pragmatics. Epistolography. Verbal Routines. Epistolary Discourse. Personal Letters.

1 INTRODUÇÃO

O discurso epistolar é entendido, desde a tradição clássica, como um diálogo entre ausentes, um modo particular de se comunicar, com seus próprios mecanismos de interação e de enunciação. No entanto, há que se considerar também que as cartas podem revelar muito mais do que mecanismos de comunicação, pois, como espaço de encontro entre os indivíduos, documentam a vida privada dos interlocutores, atualizam o panorama cotidiano, suas relações de amizade, as sociabilidades e trazem um retrato social, cultural, político e histórico de uma realidade.

Nos últimos anos, têm sido realizados estudos linguísticos e sobre a história da cultura escrita baseados no gênero epistolar, além da publicação de cartas de personalidades célebres ou autores reconhecidos, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, no caso dos brasileiros, ou de pessoas comuns, objetivando, conforme Costa e Sá (2018, p. 197), “compreender seu perfil biográfico, seu processo criativo, sua obra e o panorama histórico, sociocultural e político a que pertenciam”. Contudo, Seara (2006) reconhece que, em língua portuguesa, o estudo da epistolografia ainda é parco, apesar do gênero epistolar ser “um legítimo e autêntico manancial de investigação”, nas palavras da autora (Seara, 2006, p. 7).

Desta forma, este artigo busca apresentar um recorte dos resultados de uma pesquisa de natureza filológica e pragmático-discursiva, que se desenvolveu no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe – PIBIC/UFS (2018-2019). A pesquisa, que se fundamentou nos pressupostos teóricos e operatórios da Filologia, da Pragmática e da Análise do Discurso, mas também está relacionada à História Cultural da Escrita, teve como objetivo compreender a natureza da comunicação epistolar de intelectuais sergipanos através da análise textual e das rotinas verbais em conjuntos de cartas de circulação privada do século XX.

Os *corpora* epistolares em análise são edições semidiplomáticas, isto é, conservadoras do estado de língua em que os textos foram escritos, de missivas manuscritas e datiloscritas de Epifânio Dória (1884-1976) e José Calasans (1915-2001), que se encontram nos espólios desses intelectuais salvaguardados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).

Em relação à análise textual realizada, considerou-se o exame das condições de produção e circulação dos textos e o seu papel na história e na sociedade. Fazer um levantamento desses aspectos é considerar que o texto não é um objeto estático, imutável, acabado, mas, existindo em sua materialidade e historicidade, é “um objeto temporalmente mutável, que percorre o tempo e o espaço sociocultural, antes de chegar ao leitor e ao analista”, como afirma Adam (2010, p. 19-20).

A eleição da carta como objeto de pesquisa, visando à reflexão sobre sua contextualidade, permitiu que a análise textual se conjugasse com uma perspectiva pragmática, pela própria natureza dessa situação comunicativa. Assim é que, no contexto da superfície textual, sob a ótica pragmático-discursiva, utilizou-se o recorte do modelo de Análise Interacional da Comunicação Epistolar (AICE), proposto por Isabel Seara, para a sistematização e análise das rotinas verbais de abertura, pré-fecho e fecho que configuram as cartas pessoais selecionadas.

2 O GÊNERO EPISTOLAR

Sem as cartas, a vida seria totalmente imperfeita e pouco nos diferenciaríamos dos mudos, dos brutos.
(Jacob, 1646, apud Haroche-Bouzinac, 2016, p.158)

Parece difícil concordar com a citação acima, visto que na sociedade atual a carta já não é o principal meio de comunicação. Apesar disso, houve uma época áurea desse gênero e a escrita epistolar era bem mais que uma simples troca de notícias. Escrever, enviar e receber cartas constituíam-se como atos de socialização.

Conversa com um ausente. Essa é a metáfora que acompanha a noção inicial da carta, afinal de contas ela nasce de um distanciamento. Vaumorière (1690, apud Haroche-Bouzinac, 2016, p.11) expressa muito bem essa ideia ao retratar o papel desse gênero: “[...] enviamos a uma pessoa ausente para lhe comunicar o que lhe diríamos se estivéssemos em condições de falar com ela”.

Esse ato comunicativo, concretizado pela escrita, procura diminuir o afastamento existente através do compartilhamento de uma série de “sentimentos e desejos”, como aponta Brito (2018, p. 40), e, para atingir esse fim, tudo pode ser dito no território epistolar. Haroche-Bouzinac (2016, p. 27) corrobora com essa afirmação, citando como temas recorrentes “notícias da vida política ou pessoal, anedotas, relatos agradáveis, análises, reflexões, revelações sobre si, confidências, expressão de sentimentos”. Esse conjunto temático produz uma falsa presença e procura abrandar o sentimento de solidão e a distância física entre os epistológrafos.

Para que haja a efetivação da troca de correspondências, é necessário um comprometimento, uma espécie de acordo entre o remetente e o destinatário. Segundo Muhana (2000, p. 231), “[...] a carta exige o prosseguimento alternado e sucessivo das escritas”. Essa troca de turno, através da qual quem envia e quem recebe a missiva, além de possuírem os mesmos direitos e deveres em relação à escrita, mudam de papéis constantemente, assegura a conduta responsiva de um para com o outro e caracteriza o pacto epistolar. Esse pacto formulado entre ausentes pressupõe a expectativa da resposta, a continuidade da interação, já que, conforme Kerbrat-Orecchioni (1998, p. 31 – tradução nossa), “[...] o ‘contrato comunicativo’

que conecta o remetente e o destinatário de uma mensagem epistolar implica não apenas um ‘direito de resposta’, mas também um ‘dever de resposta’¹.

O gênero epistolar é, também, uma inesgotável fonte de informações. Em virtude disso, não se pode reduzir sua atuação ao âmbito individual, pois constituiu-se, conforme Seara (2006, p. 19), como um “testemunho ímpar da autenticidade das relações pessoais, culturais e sociais de uma época ou de um autor”. Assim, a carta é o local onde os aspectos pessoais e coletivos se encontram e refletem as marcas da história de determinada sociedade. Para Brito (2018, p. 43):

[...] os textos epistolares carregam em si impressões acerca da época em que foram produzidas (sic), os propósitos aos quais se destinam e as circunstâncias que permeiam suas condições de produção – como os interlocutores de suas ideologias, as relações que estes estabelecem entre si e a complexidade da situação que fundamentou e/ou originou a escrita epistolar.

Justamente por se inserir numa esfera sociocultural, o texto epistolar não deve ser considerado fora da delimitação de tempo-espço da sua produção, pois menosprezar esse aspecto gera anacronismo e conclusões equivocadas. Dessa maneira, consoante Haroche-Bouzinac (2016, p. 27), “a questão da ‘delimitação histórica’ é, portanto, essencial para todo leitor de cartas”.

As marcas do contexto de produção das epístolas não são vistas somente nos temas abordados. A estrutura do texto, bem como o suporte que o contém apresentam rastros das condições de escrita e são de extrema importância na investigação do gênero epistolar.

Há que se considerar ainda o caráter híbrido da carta, uma vez que aceita a influência de outros gêneros discursivos, contemplando os elementos constitutivos de uma pluralidade de gêneros, tais como o diário, as memórias, a autobiografia, o ensaio, a resenha, entre outros, capacidade que fomenta sua mutabilidade. Além disso, os modos de escrita dos textos epistolares também são muito diversificados, uma vez que são instanciados por práticas sociais, podendo, assim, reproduzir os aspectos individuais de quem escreve, além das “[...] marcas do grupo e da esfera sociocultural na qual [estão inseridos]” (Brito, 2018, p. 43). Essa natureza flutuante atribui ao gênero epistolar a nomenclatura de nômade.

Durante a passagem dos séculos, a escrita epistolar migrou da retratação do prestigiado discurso eloquente para, conforme salienta Diaz (2016, p. 24), “uma sociabilidade mundana”, e isso o estigmatizou sob termos como gênero menor, subalterno, medíocre, ruim e vagabundo. Ademais, a carta abandonou a escrita pomposa, cheia de adornos e passou a considerar uma escrita mais simples, de modo que “[...] não se espera mais das cartas a perfeição bem calibrada de uma composição retórica impecável, mas nelas se aprecia, bem ao contrário, as falhas, as hesitações e as pausas de uma palavra simplesmente humana” (Diaz, 2016, p. 16). Assim, a carta ganha o título de espelho da alma, pois escrevê-la torna-se uma atividade que depende da inspiração e naturalidade do autor.

Independentemente da natureza nômade do gênero epistolar, o ato comunicativo de escrever cartas possui uma estrutura complexa, ou, como destaca

¹ “[...] le ‘contrat communicatif’ qui relie l’émetteur et le récepteur d’un message épistolaire implique non seulement un ‘droit de réponse’, mais un ‘devoir de réponse’”.

Brito (2018, p. 73), “[...] estrutura própria, critérios norteadores, técnicas prescritivas que variam de acordo com a época, com os objetivos e, principalmente, com as circunstâncias que impulsionaram sua escrita”.

A macroestrutura prototípica de uma carta corresponde aos requisitos mínimos que o texto deve apresentar para pertencer ao gênero. Haroche-Bouzinac (2016, p. 33) revela quais são esses requisitos:

A tradição medieval dos clérigos, propõe cinco etapas na redação da carta: *salutatio* (saudação), *benevolentiae captatio* (busca da benevolência), *narratio* (narração), *petitio* (pedido ou objeto da mensagem) e *conclusio* (conclusão).

No classicismo, houve uma tendência a simplificar as cinco partes em três etapas. Estas se distinguem por sua função: [...] exórdio, narração e conclusão [...].

O modelo classicista é o mais praticado nas missivas aqui analisadas. É no exórdio que o remetente estabelece contato com o destinatário. Nele encontram-se as expressões introdutórias, como o uso do vocativo, a saudação inicial – “uma rotina de cordialidade indispensável para o estabelecimento de qualquer diálogo, inclusive o epistolar” (Brito, 2018, p. 61) – e a menção à carta anterior. Esse é um dos locais em que, segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 34), “se reconhece um epistológrafo hábil”, já que é o campo sujeito a maiores modismos de termos de saudação.

A narração é o local em que se desenvolve o assunto ou tema da mensagem. Ela pode apresentar uma variedade de sequências textuais (narração, descrição, injunção, argumentação) e aspectos de outros gêneros, tais como memórias, anedotas, relatos, resenhas, etc.

A conclusão é a seção responsável pela finalização do texto epistolar, englobando a saudação de despedida e a expressão do desejo de resposta. Esse espaço também é reservado para o exercício da virtuosidade do epistológrafo.

É importante salientar que nem toda missiva se estrutura necessariamente dessa forma. É comum que as seções abrangidas por essa classificação mudem de lugar a depender de quem escreve.

A versatilidade desse gênero possibilitou a sua divisão em subcategorias, que se identificam, a partir do destinatário, em cartas de amor, de amizade e de família.

A carta de amor é aquela trocada entre amantes. Profundo espaço de intimidade, é, conforme Seara (2010, p. 94),

[...] escrita para ser comungada, religiosamente guardada em lugares íntimos, escrupulosamente preservada, evitando pudor de olhares indiscretos, lida e relida no recolhimento de um templo, esse templo do intimismo, do silêncio, da solidão [...].

As missivas nascem da distância entre os interlocutores e, nas cartas de amor, essa distância é mais dolorosa. Devido a isso, relatos do cotidiano é um tema comum e têm como finalidade simular uma aproximação, um reencontro. O uso de termos que marcam proximidade e afeto, como pronomes possessivos e palavras no diminutivo também são corriqueiros e reafirmam a ligação entre os cúmplices.

As cartas familiares não envolvem, prioritariamente, membros da família. Segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 40), os destinatários desse tipo de missiva englobam “os parentes e amigos, bem como o círculo de serviços e intendentess que

os laços domésticos tornaram próximos”. O tom adotado nessa subcategoria é destituído de ornamentos e busca aproximar-se da conversação. Silva (2002, p. 59) observa que “os textos deveriam trazer sempre um tom fiel às expressões de afeto; à sinceridade cordial; à expressividade e informalidade que se aproximam de uma boa conversa entre iguais”. Ademais, a familiaridade entre os epistológrafos facilita o estabelecimento e a manutenção de uma continuidade nas trocas epistolares e esse ato fortifica o vínculo afetivo entre eles.

Por fim, as cartas de amizade destinam-se a indivíduos que se conhecem. Busca, conforme Leite (2009, p. 120), fomentar a troca de “mensagens de caráter privado ou visual por meio da modalidade escrita da língua”. Há diversos motivos para se escrever a um amigo: “recreação para o entendimento, alívio e consolação, recomendação, agradecimentos, queixumes, desculpas e graça” (Silva, 2002, p. 53). Os temas variam de acordo com o grau de intimidade entre os interlocutores, que pode ser desenvolvido por meio da constância da troca epistolar e medido através da análise das saudações iniciais e dos pronomes de tratamento utilizados.

A frequência das trocas epistolares dá indícios do grau de amizade. Escreve-se com maior regularidade a pessoas mais próximas e esse ato fortifica o vínculo entre elas. No entanto, a frequência não é o único modo de mensurar a proximidade dos interlocutores. O texto epistolar é um território rico em indícios de intimidades, seja através de termos específicos, como a saudação, que comumente evoca palavras afetuosas para com os mais próximos, ou pelo próprio modo da escrita textual, que possui um caráter mais descontraído, tendo, segundo Silva (2002, p. 59), “como finalidade primeira alimentar um convívio social e afetivo”. Dessa maneira, essa modalidade de carta funciona como elo das relações entre amigos. É o modo que os missivistas encontram para estabelecer relações interpessoais, manter contato, demonstrar afeto e impedir o esquecimento que leva ao fim da amizade.

3 O MODELO DE ANÁLISE INTERACIONAL DA COMUNICAÇÃO EPISTOLAR (AICE)

Em sua tese de doutorado, Isabel Roboredo Seara, professora do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta de Lisboa, elaborou um modelo de análise da interação verbal em correspondências familiares de epistológrafos portugueses. Tal modelo, intitulado *Análise Interativa do Discurso Epistolar (AICE)*, foi desenvolvido como forma de compreender os mecanismos de construção discursiva desses textos, uma vez que considera insuficientes outros modelos de análise, como o “de análise das unidades sequenciais de Adam (1998)” e o “de turnos de escrita, apresentado por Kerbrat-Orecchioni (1998)” (Seara, 2006, p. 217).

Dessa forma, o modelo AICE propõe uma análise da superfície discursiva epistolar a partir de

[...] diferentes pontos de vista teóricos, resultantes de vários níveis de análise textual, retomando categorias propostas pela análise conversacional, pela psicologia social, pela sociolinguística, pela análise do discurso, pela retórica, pela teoria da literatura, etc. (Seara, 2006, p. 216).

Esse diálogo com diversas áreas do conhecimento se justifica pela natureza assíncrona da comunicação epistolar, que exige uma análise apurada do contexto da interação. Tal análise, no modelo AICE, contempla três níveis, articulados concentricamente:

1. Um nível interno ou central, que se concentra na superfície discursiva para análise em duas vertentes: pragmático-discursiva (marcas de interação, dispositivo dêitico e rotinas verbais) e pragmático-argumentativa (atos de fala, diafonia e *topoi*).
2. Um nível intermediário, de análise dos mecanismos da dinâmica textual, considerando o objetivo da interação e a co-enunciação epistolar.
3. Um nível exterior, no qual são analisadas quatro coordenadas fundamentais da interação epistolar: o quadro espaço-temporal, a problemática contextual, a situação dos correspondentes e o pacto epistolar.



Fonte: Seara (2006, p. 218).

Figura 1 - Modelo AICE.

Esse modelo concebe a correspondência não como um texto literário ou autobiográfico, mas como “uma interação, que deve ser analisada como uma realidade pragmática” (Seara, 2006, p. 222), por se tratar de uma produção escrita *para e com* o outro, com a finalidade de influenciar suas atitudes e comportamentos.

Diante do exposto, o estudo aqui apresentado reitera a relevância de se estudar o gênero epistolar em sua dimensão pragmática e, a partir de um recorte do modelo AICE, concentrando-se no nível da superfície discursiva, mais precisamente

na esfera pragmático-discursiva, busca sistematizar e analisar as rotinas verbais nas missivas dos intelectuais Epifânio Dória e José Calasans.

O termo “rotina” retoma a sua origem etimológica no latim *ritus*, que também deu origem a “ritual”. Assim como nas interações cotidianas, as cartas apresentam situações e comportamentos que se repetem, que se tradicionalizam, os quais se refletem em “formas e expressões linguísticas estereotipadas” (Seara, 2006, p. 236), denominadas rotinas verbais.

Sob a perspectiva interacionista da análise do discurso, essas rotinas constituem, como destaca Coulmas (1981, p. 4 apud Seara, 2006, p. 236, tradução nossa), “acordos tácitos compartilhados pelos membros de uma sociedade que [...] são essenciais no manejo das situações cotidianas”. Ao estudá-las, é possível conhecer os hábitos comunicativos presentes nas missivas e o valor das relações entre os correspondentes.

As rotinas verbais que caracterizam o gênero epistolar são compostas por variados atos de fala, ou seja, atos que denotam ações. A maioria desses são caracterizados como atos expressivos, pois, conforme Seara (2010, p. 240), “especificam uma reação do locutor perante uma situação, em que o interlocutor toma parte activa ou passiva”. Saudar, agradecer, felicitar, pedir, dentre outros são exemplos desses atos.

Esses mesmos atos podem adquirir outra classificação: a depender de como se apresentem, podem agir como atos de delicadeza/cortesia/polidez. Para que se possa entender essa caracterização, faz-se necessário explicar acerca da noção de cortesia ou delicadeza verbal. Trata-se, de acordo com Seara (2006), de um jogo de designações entre os correspondentes, que fomenta a preservação das relações interpessoais e do caráter amigável ou familiar das interações.

No discurso epistolar, podem distinguir-se três tipos de rotinas verbais: rotinas de abertura, rotinas de pré-fecho e rotinas de fecho, cada uma das quais com uma estrutura prototípica correspondente, como apresentado abaixo (Seara, 2006):

- Rotinas de Abertura
 - Ato de localização espaço-temporal
 - Expressão apelativa conjuntiva
 - Comentário sobre o quadro espaço-temporal
 - Ato de acusação de recepção
 - Ato de pedido de desculpa
 - Ato de justificação
 - Ato de agradecimento ou Ato de reprovação
- Rotinas de Pré-fecho
 - Anúncio performativo
 - Ato de justificação
 - invocação clássica
 - justificação material
 - justificação temporal
 - saturação ou esvaziamento temático
 - Ato de promessa
- Rotinas de Fecho
 - Ato confirmativo do elo relacional entre os correspondentes

- Ato de saudação disjuntiva de despedida
- Atos euforizantes
 - expressões de agradecimento
 - votos prospectivos
 - extensão (transmissão de cumprimentos)
- Ato de reiteração
- Ato de solicitação
 - um pedido
 - um enunciado imperativo
 - uma questão
 - uma formulação de esperança
- Invocação divina
- Ato de subscrição
- *Post Scriptum*

4 TROCAS EPISTOLARES ENTRE EPIFÂNIO DÓRIA E JOSÉ CALASANS

Epifânio da Fonseca Dória e Menezes nasceu em 07 de abril de 1884, em Campos, atual cidade de Tobias Barreto/SE, e faleceu em Aracaju, em junho de 1976.



Fonte: .

Figura 2 - Fotografia de Epifânio Dória, obra de Jordão de Oliveira.

Apesar de sua erudição, não teve formação superior, frequentando somente “algumas escolas e professores particulares. O suficiente para concluir apenas o curso primário e ser alfabetizado”, como aponta Campello (2012, p. 8). Apesar de ter sido comerciante, destacou-se na vida pública por sua produção intelectual e atuação como diretor da Biblioteca Pública do Estado de Sergipe, que hoje leva o seu nome, e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), deixando como legado a preservação e divulgação da cultura e memória histórica sergipanas:

[...] trata-se de figura representativa em Sergipe, por sua contribuição à guarda e preservação de documentos históricos e de arquivos pessoais de personalidades sergipanas, bem como da incansável pesquisa histórica desenvolvida ao longo de sua vida (Campello, 2011, p. 412).

Em poucos anos, Dória assumiu importantes funções e contribuiu significativamente para o ideal de conservação do patrimônio documental de Sergipe.

Essa sua preocupação possibilitou a existência do IHGSE, onde foi contribuinte por 64 anos, até o ano da sua morte, em 1976.

José Calasans Brandão da Silva nasceu em Aracaju, capital de Sergipe, em 14 de julho de 1915, e faleceu na cidade de Salvador/BA, no dia 28 de maio de 2001.



Fonte: <https://goo.gl/ACHhE2>.

Figura 3 - Fotografia de José Calasans em sua formatura, em 1937.

Formou-se em Direito na Bahia, em 1937, mas dedicou-se ao ensino e ao estudo da história e da cultura de Sergipe, especialmente do folclore, o que lhe colocou entre um dos maiores representantes da historiografia sergipana. Não se pode desconsiderar, no entanto, sua importante contribuição à historiografia baiana, “[...] com estudos como ‘A Revolução de 1930 na Bahia’, ‘Bahia, primeira capital do Brasil’, e os trabalhos sobre Antônio Conselheiro, de repercussão nacional.” (Nunes, 2007, p. 87).

De acordo com Dantas (2016, p. 21), José Calasans ocupou a presidência do IHGSE entre 1945 e 1947, período bastante profícuo “para a cultura sergipana e para sua realização profissional”.

Em 1947, Calasans voltou a se estabelecer em Salvador, onde, a partir de 1963, dedicou-se à vida acadêmica como professor de História Moderna e Contemporânea e de Folclore na Universidade Federal da Bahia, da qual também foi vice-reitor.

O corpus da pesquisa que ora se apresenta constitui-se de cartas manuscritas e datiloscritas trocadas entre Epifânio Dória e José Calasans, salvaguardadas no fundo José Calasans do acervo do IHGSE. São 56 missivas ativas e passivas datadas entre 1948 e 1964, que foram fotografadas e editadas semidiplomaticamente.

Foram dezesseis anos de correspondência, mas o intervalo entre uma carta e outra variava. Havia meses em que duas ou três eram enviadas, algumas até em dias consecutivos. Outras vezes existiram hiatos de meses entre as cartas e a causa dessa situação é desconhecida. Apesar disso, acredita-se que o motivo dos longos intervalos não seja de responsabilidade dos missivistas, visto que eram escritores ativos e, nas cartas posteriores à época em que nada foi escrito, não há nenhuma retratação ou desculpa pela ausência de resposta. Assim, supõe-se que houve perda de textos ao longo do tempo e isso acarretou a incompletude desse conjunto

epistolar. Entretanto, a intensificação da comunicação epistolar entre Dória e Calasans fornece indícios do estreitamento de sua relação, um vínculo de amizade que foi sendo construído através de pedidos de favores, da partilha de relatos de experiências pessoais e profissionais e de notícias sobre Sergipe e da exposição de projetos de pesquisa e de seus processos criativos.

É importante ressaltar ainda que a interação escrita entre esses dois intelectuais sergipanos, além de demonstrar companheirismo, revela um pouco da trajetória intelectual que ambos empreenderam para a produção de conhecimento. A troca, portanto, não era só de missivas, mas também de favores, já que, estando José Calasans em Salvador e Epifânio Dória em Aracaju, a forma mais fácil de Calasans ter acesso a informações, documentos e publicações sobre Sergipe era pedindo o seu envio ao amigo correspondente.

5 ANÁLISE DO CORPUS

5.1 A macroestrutura das cartas

A carta é um gênero que se define não por seu conteúdo, “mas, sobretudo, por um determinado dispositivo externo, relativo à situação de comunicação que implica o seu uso e em que se enraíza”, como afirma Landowski (1988, p. 19, apud Seara, 2008, p. 124). Desse modo, torna-se relevante analisar a macroestrutura das missivas que compõem o corpus.

Verifica-se que as cartas de Epifânio Dória e de José Calasans analisadas apresentam a macroestrutura prototípica proveniente do classicismo, que se divide em três partes: exórdio, narração e conclusão.

É importante ressaltar que as cartas analisadas dos dois intelectuais sergipanos seguem uma tradição epistolar, embora apresentem algumas variações quanto à presença ou localização de determinados elementos estruturais.

À guisa de exemplo, apresenta-se a seguir a macroestrutura de quatro cartas – duas de Epifânio Dória e duas de José Calasans:

Carta manuscrita de Epifânio Dória – Aracaju, 22 de junho de 1948	
Exórdio	Aracaju, 22 de Junho de 1948 Calazans: Que as festas de São João e São Pedro lhe corram venturosas. Entregaram ontem em nossa casa o seu cartaõ. Grato pelos parabens,
Narração	a proposito do piãno que já se acha em nosso salaõ e cujo preço, de 51contos, já foi pago. Faltam agora as cadeiras, no valor contratado de 57.600 cruzeiros. O rábo está sendo mesmo ruim de esfolar, mas estamos fazendo empenho para completar a esfoladura. Ha alguns anos, muitos aliás, li os livros da paróquia de Santo Amaro, que ainda restavam. Vaõ duas notas para o seu amigo Neesu, tiradas dos livros paroquiáis de Santo Amaro. Quem seria esse Horacio Urpia do Nascimento, descendente bastardo do velho Horacio Urpia, ou colateral bastardo do mesmo? O

	<p>Crispim Gomes da nota junta será o sogro do Horácio Urpia Junior? O Neesu dá Crispim Gomes Marques casado com Sabrina Marques, mas o da minha no [ilegível] / era casado com Genoveva Maria. Será que o Crispim foi casado duas vezes?</p> <p>Naõ tenho o número 2 da Revista do Instituto Genealogico da Bahia. Mandeí compra-lo por minha filha Maria Lúcia, universitária aí. Ela foi umas duas ou três vezes à casa do Doutor Mario Torres, sempre sendo informada de que ele não se achava em casa. Desanimou e não foi mais lá. Vai demorar um pouco, mas não será muito, a remessa da Historia de Sergipe. Estavamos sem nenhum exemplar encadernado, mas esta semana mandei encadernar 10 exemplares em marroquim. A encadernação está carissima. O rapaz exigiu 20 cruzeiros. Na ultima sessão da Diretoria do Instituto o Felte propôs que se marcasse o preço de 30 cruzeiros para o livro em brochura. Naõ é fóra proposito. Consulto o interessado se prefere 30 em brochura ou 50 encadernado. Ai pôderá ser mais barata a encadernação. Quanto ao Doutor Alfredo Rui nada a dizer, pois a minha nota sobre o artigo que publicou na Revista “Tradição”, de Petropolis, foi mandada a ele pelo meu amigo Doutor Guilherme Auler, diretor da mesma revista, segundo me comunicou.</p> <p>Mando-lhe em original a carta da Condessa de Barral. Vai bem abrigada. Depois você poderá devolve-la. O Leandro Diniz se me gabava de possuir o arquivo do avô, o senador Diniz. Andei sondando-o para ver se ele o cedia ao Instituto. Fez promessas vagas. Depois de sua morte procurei o Autran Costa, irmão da viuva, e ele deu de ombros, dizendo que nada existia a respeito em maõ da irmã. Será que ele deu a alguem antes de falecer? ...</p> <p>Esta vem sendo feita ao correr da pena, aqui no Instituto, onde sou constantemente interrompido pelos que vão chegando. Daí as emendas que terá de sofrer, quando tiver de fazer nela uma leitura fiscalizadora. Naõ me anima a prometer qualquer coisa sobre a Dona Candida Amelia de Carvalho Borges. Si ela nasceu aí, na Bahia, em 1811, está visto que os ancendentes eram de muito tempo residentes no Salvador e nós aqui vivemos á mingua de documentario e linhagistas. Um velho para quem eu sempre apelava faleceu: o desembargador Acioli. Em Niterói, Estado do Rio, eu tinha uma amiga com quem me correspondia e obtinha informações sobre cousas e pessoas de outros tempos, era Dona Rosa Bezerra, filha do Doutor Leonardo Bezerra. Foi ela quem me deu aquela circular, firmada por Inacio Barbosa, convidando os deputados para se reunirem no engenho “Unha do Gato”, do Barão de Maruim; a fim de tratarem de assunto importante. Com o meu habito de não querer nada para mim só, passei-a ao Clodomir, que a divulgou sem dizer onde a descobriu.</p> <p>[...]</p>
Conclusão	Um abraço do velho amigo Epifanio

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 1 - Macroestrutura da carta de Epifânio Dória datada de 22 de junho de 1948.

O exórdio dessa missiva é representado pela localização espaço-temporal da escrita, o vocativo, cumprimentos e a acusação de recepção de correspondência, acompanhada de agradecimento.

Em seguida, há a exposição do conteúdo da carta, dando notícia de fatos ocorridos no IHGSE e de curiosidades e questionamentos relativos às investigações empreendidas.

A carta é finalizada com uma saudação de despedida, que evidencia o elo relacional entre os correspondentes, e a assinatura de Epifânio.

Carta manuscrita de Epifânio Dória – 14 de julho de 1948	
Exórdio	14 de Julho de 1948 Prezado Calazans. Recebi ontem sua carta
Narração	e hoje mandei registrar no correio um exemplar da História de Sergipe. Dei suas lembranças aos companheiros que lhi as retribuem. A Tapuia ao lhe eu dizer que você fazia anos hoje pensou um pouco e saiu. Mais Tarde disse-me ter lhe passado um telegrama. – “O que fez Você, Tapuia? disse-lhe eu. O Calazans se mudou para outra casa.” Ficou desconsolada, mas eu prometi que lhe contaria o desastre dela. Quanto a sua sugestão para um trabalho meu para o Congresso, achei-a feliz. Vou dar um balanço. Houve muito baião no governo de Sergipe, entre ele o grande Zacarias de Gois e Vasconcelos, que, com sua intolerancia, criou o celebre caso do relógio de Laranjeiras, que havia de deixa-lo, e ao seu teimoso chefe de polícia Claudio Manuel de Castro, com o prestio moral um tanto abalado. Rogo-lhe, se tiver facil contacto com os pontífices do Congresso, pedir-lhes que me mandei os cartoês ou impressos especiais para adesaõ. Eu e o Felte desejamos aderir, e como nós Instituto. Ja escriví fazendo este pedido e não fui atendido. Tive carta da Dona Zenaide, aquela professora paulista muito amavel, mas pouco bonita para quem improvisei, discretamente, aquela quadrinha que fez aflorar um riso em seus lábios: “Não é a Dona Zenaide Formosura de abismar; Mas tambem não é alcaide Que se possa refugar”... Há de estar lembrado de que ela, magricéla, ficou pouco sugestiva com aquele vestido, parecendo mais uma vara com saia que uma artista capaz de impressionar. Mando as ultimas bobagens do Magalhaês Carneiro e Minhas. Promete ele encerrar a disputa ésta semana. A nossa campanha do Instituto vai em progresso. Já entraram 82 contos, afóra os 20 da união. Pagaram 40 socios, mas em dobro a [ilegível] apenas aos Relatorios presidenciais ha, pelo menos um, do Horacio Urpia, como diretor do Asilo Nossa Senhora da Pureza.
Conclusão	Tapuia manda lembrança à Dona Lúcia, o que eu também faço. Um abraço para você do velho amigo Epifânio

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2 - Macroestrutura da carta de Epifânio Dória datada de 14 de julho de 1948.

Essa carta de Dória não apresenta datação tópica, apenas cronológica. Ademais, a saudação é mais formal do que a da carta anterior, de junho. Vislumbra-se no exórdio também a acusação de recebimento de carta de Calasans, o que identifica o pacto epistolar.

É uma correspondência com um tom um pouco mais familiar, já que, no início da narração, Dória refere-se a uma situação ocorrida com sua esposa, a quem chama de “Tapuia”, antes de conversar sobre seu trabalho intelectual e científico. Há que se destacar também o relato de amenidades, como a descrição “cômica” de uma professora paulista.

Por fim, a missiva é encerrada com a extensão de cumprimentos, a saudação de despedida e a subscrição de Dória.

Carta manuscrita de José Calasans – 15 de abril de 1951	
Exórdio	Prezado Epifanio Acuso sua carta de 5 de abril.
Narração	O número 71 da Revista ainda não saiu, embora publicações posteriores já tenham aparecido. Coisas do Brasil... Escrevi, recentemente, um estudo sobre a santidade de Jaguaripe, que li no Instituto. Pretendo publica-lo. Terei, então, oportunidade de remeter um exemplar ao querido amigo.
Conclusão	Continue dispondo do velho admirador Calasans 15,4.51.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 3 - Macroestrutura da carta de José Calasans datada de 15 de abril de 1951

Essa carta é iniciada pela saudação, num tom formal, seguida pela informação de recebimento de carta anterior de Epifânio Dória (“ato de acusação de recebimento”).

Segue o corpo do texto, informando sobre a demora na publicação de uma revista e sobre sua produção intelectual.

A conclusão contempla uma solicitação, a assinatura do remetente e a referência temporal (tradicionalmente, deveria estar no exórdio, juntamente com a referência espacial, como primeiro elemento da estrutura epistolar).

Carta manuscrita de José Calasans – Salvador, 18 de outubro de 1953	
Exórdio	Salvador, 18 de julho de 1953 Meu caro Epifanio: Devo-lhe resposta a suas atenciosas cartas. Explico-me e apresento desculpas. Estive, durante varios dias, voltado para a organização e funcionamento da III Semana de Ensino Comercial, certame que reuniu, sob o patrocínio do Lemos, mais de 100 pessoas vindas de varios pontos do Brasil. Tudo isso me obrigou a responder vossa correspondencia. Agradeço-lhe
Narração	– e peço transmitir aos demais companheiros do Instituto – o titulo honroso que me concederam o grande presente que recebi no dia 14 de julho, quando me chegou sua comunicação. O trabalho do Doutor Vanderlei Pinho pode ser publicado na Revista, o que muito agradará ao ilustre historiador baiano. Lembro que o Instituto deveria incluir esse grande pesquisador no seu quadro social. Ando às voltas com meu concurso para a docencia da Faculdade de Filosofia, marcado para o dia 19 de agosto.
Conclusão	Abraço cordial e agradecido do Calasans.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 4 - Macroestrutura da carta de José Calasans datada de 18 de outubro de 1953.

Nessa outra carta, Calasans expõe a localização espaço-temporal no exórdio, seguida da saudação, que agora revela um nível maior de cumplicidade entre os interlocutores, um pedido de desculpa, uma justificativa pela demora em responder às cartas de Epifânio e um agradecimento.

Posteriormente, inicia-se o conteúdo da carta propriamente dito, com um pedido de transmissão de notícia, um pedido de publicação na revista do IHGSE, além de uma justificativa para sua vida atribulada naquele momento.

A conversa é finalizada com uma saudação de despedida e assinatura.

5.2 Sistematização e análise das rotinas verbais de abertura, pré-fecho e fecho das cartas

No contexto da superfície textual, em nível pragmático-discursivo, foram sistematizadas e analisadas neste artigo as rotinas verbais de abertura, pré-fecho e fecho das cartas trocadas entre Epifânio Dória e José Calasans, considerando-se um recorte do modelo de Análise Interacional da Comunicação Epistolar (AICE), proposto por Isabel Seara em sua tese de doutorado.

As *rotinas verbais de abertura* de correspondências têm a função de iniciar a interação e introduzir um assunto. Levando em conta o modelo analítico proposto por Seara (2006), esse tipo de estrutura encabeça a carta, ou seja, encontra-se no exórdio, no entanto, como constatado na análise da estrutura prototípica do corpus deste trabalho, percebe-se que não é sempre que essas missivas aparecem de tal forma.

Nas rotinas de abertura, Epifânio Dória e José Calasans apresentam variações, a começar pela exposição da “localização espaço-temporal”, que não ocorre de modo uniforme nas cartas, podendo estar anteposta ou posposta ao corpo do texto (narração), omitir a localização espacial e apresentar a datação por extenso ou totalmente numérica. Observa-se que é recorrente em Dória a omissão da data tópica e, em Calasans, a omissão, em algumas cartas, de toda a localização espaço-temporal:

Epifânio Dória

Aracaju, 22 de junho de 1948

14 de Julho de 1948

Em 27 de Julho de 1948

9 de Agosto de 1948

13 de Agosto de 1948

14 - 8 - 1948

José Calasans

20.3.48.

Salvador, 1 de agosto de 1948.

Salvador 21.8.48

5.9.48

Salvador – 6 de novembro de 1949. (na conclusão da carta)

Salvador, 18 de novembro de 1964

Apenas uma carta de Epifânio Dória é datada do Rio de Janeiro (a de 09 de abril de 1949), as demais, supõe-se serem provenientes de Aracaju, algumas escritas de sua sala no IHGSE, como é possível observar pela identificação do papel que utilizou.

Supõe-se também que todas as cartas de José Calasans foram escritas em Salvador.

Ao ato de localização espaço-temporal, segue-se a “expressão apelativa” ou saudação, forma nominal como um interlocutor refere-se ao outro e que, segundo Brito (2018, p. 272-273), pode “[...] revelar o nível de relação e de cumplicidade que se estabelece entre os missivistas e seu principal objetivo é dar início, formalmente, à comunicação epistolar”. Nas cartas analisadas, há uma diversidade dessas expressões:

Epifânio Dória
Calazans
Prezado Calazans
Meu caro Calazans
Meu caro Dr. José Calazans
Prezado Dr. José Calazans
Prezado amigo Dr. José Calazans

José Calasans
Ao Ilustríssimo Senhor Epifanio Doria Mui Digno Secretário Geral do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.
Epifanio
Epifanio amigo:
Epifanio, bom amigo
Meu caro Epifânio
Meu caro Epifanio
Meu caro Epifanio Doria:
Prezado Epifanio

Como é possível observar, as expressões apelativas utilizadas pelos intelectuais dão pistas da evolução de sua proximidade, que se deu através do pacto epistolar ao longo dos anos. Assim, as primeiras cartas apresentam a expressão apelativa de maneira simples, direta, como se reproduzi-la fosse uma obrigação atribuída ao gênero. No entanto, conforme a troca epistolar se intensifica e os assuntos abordados são de cunho mais íntimo, as expressões também mudam. Destaca-se, contudo, que Epifânio Dória é mais formal no trato com Calasans, apesar de suas cartas serem muito mais longas e, por vezes, os assuntos mais corriqueiros.

A inserção de pronome possessivo, como “meu”, juntamente com o adjetivo e a categoria do vínculo de amizade, demonstra traços de afetividade e o aprofundamento relacional entre os interlocutores.

O comentário do quadro espaço-temporal não é uma característica das cartas de Epifânio Dória, mas ocorre na carta de 09 de abril de 1949, quando o intelectual estava no Rio de Janeiro: “Encontro-me aqui desde 14 de fevereiro. Fui operado a 22 de março e estou ainda com proibição de ler e escrever”.

Através desse comentário, Dória reforça que está no Rio de Janeiro (local apresentado previamente na localização espaço-temporal) e revela o enquadramento temporal (está lá desde 14 de fevereiro), fornecendo a situação que o cerca ao escrever a missiva.

O “ato de acusação de recepção”, que, segundo o modelo AICE, consiste em acusar a recepção de carta e surge geralmente acompanhado do ato seguinte, de agradecimento, se apresenta em aproximadamente metade das cartas de José Calasans, mas, no caso das missivas de Epifânio Dória, é um ato corriqueiro:

Epifânio Dória
(de forma objetiva)
Entregaram ontem em nossa casa seu cartão.
Recebi ontem sua carta...
Recebi ante-ontem sua carta de 27 de outubro
Acabo de receber sua carta de 3...
Recebi hoje, recambiado de Aracaju, sua carta de 21 do referido mês.
Recebi ontem seu cartão.
Recebi sua última carta.
Sua carta de 13 de Janeiro foi recebida a 17.
Recebi sua carta na tarde de ante-ontem.
Recebi ontem, as 9 e meia da noite, sua carta de 19.

(com detalhamento da situação em que a carta foi recebida)

Revedo hoje a crescida correspondência que me chegou às mãos no Rio, durante minha permanência de 4 meses e meio ali, encontrei sua carta de 21 de Fev., recebida a 8 de Abril.
Pelo João Domingos Oliveira, um impenitente pidão de livros, que me atormente querendo que lhe dê os livros do nosso Instituto, recebi o seu cartão de 7.

(Recebimento da carta junto com outros objetos)

Recebi hoje sua carta de 5 e com ela o livro de Evaristo.
Recebi hoje sua carta e o retrato.

(Confirmação de recebimento por meio do ato de resposta)

Aqui está sua carta de 26 que respondo...
Quando respondi sua carta de 1º do corrente.

José Calasans
Acuso sua carta de 5 de abril.
Recebi sua carta de 13 de fevereiro

Recebi sua carta e os livros do nosso prezado João Dantas sôbre Gumerindo Bessa.

Ainda nas rotinas verbais de abertura, há a apresentação dos atos de justificação, agradecimento e reprovação. As estratégias justificativas, nas missivas de Dória, procuram abrandar o atraso das suas respostas, sendo a falta de tempo e a viagem ao Rio de Janeiro os motivos caracterizadores dessa falha:

Tenho andado com minha vida muito cheia de ocupações e de preocupações, já não dando conta da larga correspondência...

O atrazo verificado em minha correspondência, quer pessoal e quer do Instituto, cresceu muito com a minha viagem ao Rio, em Março deste ano. A do ano passado causou um atrazo grande, de vez que passei no Rio quatro meses e meio. A última viagem me fez passar lá um mês e dez dias. Nas dificuldades de recuperação de tempo ando a responder as cartas com sofreguidão, por vezes omitindo assuntos que não podem ser omitidos.

Estou muito atarefado e com a vida um tanto anarquizada. Depois de ter passado mais de um mês no Rio aqui estou a mortificar-me com as cousas de nossa terra e com o nosso Instituto

Bem sabe quanto sou ocupado e há de acreditar que a minha vida se tinha tornado mais complicada com os atrasos causados por uma permanência de quatro meses e meio no Rio no ano passado e quase mês e meio este ano.

Ao se justificar, Epifânio Dória demonstra apreço pela troca epistolar que exerce com Calasans e procura manter a reciprocidade das correspondências.

Um exemplo de “ato de desculpa” vinculado a um “ato de justificação” em José Calasans encontra-se em carta datada de 18 de julho 1953: “Devo-lhe resposta a duas atenciosas cartas. Explico-me e apresento desculpas”.

É importante ressaltar que a maioria dos atos de “pedido de desculpa” e de “justificação”, fórmulas que tentam reparar algum dano causado pelo remetente ou até mesmo alguma falha material, falta de tempo ou, em consequência disso, carência de resposta a outras cartas desse mesmo sujeito, aparecem no desenvolvimento das cartas dos dois intelectuais ou até mesmo integrados às rotinas de pré-fecho, que serão explicitadas mais adiante.

Alguns “atos de agradecimento”, que também constituem as *rotinas de abertura*, podem ser encontrados nas missivas dos intelectuais em questão. Eles sugerem, na maioria das vezes, agradecimentos a objetos recebidos, como livros, revistas, etc., ou até mesmo notícias:

Epifânio Dória

Agradeço-lhe a remessa do recorte do Jornal da Bahia, com a sua muito interessante crônica, que li com proveito.

Grato pelos parabéns...

José Calasans

Agradeço-lhe o atencioso telegrama

Recebi sua carta e os livros do nosso prezado João Dantas sôbre Gumerindo Bessa. Gostei do trabalho.

Recebi o numero 4 da nossa Revista. Gostei.

Por fim, encerrando as rotinas verbais de abertura, duas cartas de Dória apresentam atos de reprovação da falta de notícias de seu destinatário:

Nunca mais tive notícias suas, nem logrei receber o seu trabalho preferido aqui no Instituto e no centenário do Marechal Siqueira.

Tenho estado sem notícias suas. Provavelmente suas tarefas vêm crescendo e o seu tempo disponível diminuindo, como é compreensível.

Seara (2006, p. 311) classifica as rotinas que antecipam o momento da despedida nas cartas como *rotinas de pré-fecho*, as quais frequentemente vêm acompanhadas de um ato de justificação, “como se fosse necessário explicar a ‘culpa’ do interlocutor de pôr fim à interação”.

No que se refere às cartas de José Calasans, não há presença de nenhuma rotina de pré-fecho, diferentemente de Epifânio Dória, que, em algumas missivas, anuncia o seu término:

É só por hoje.

Termino aqui.

Esta foi feita muito sem ordem, ao correr dos dedos na máquina.

Esta está sendo feita com muito açodamento, por estarmos na hora de fechamento da mala.

O ato de justificação só aparece em uma missiva de Dória, a de 22 de agosto de 1963, caracterizando-se como uma justificativa de invocação clássica, por indicar a necessidade de realizar algo urgente:

Vou cuidar dos planos para o centenário. Vou ver se é possível uma exposição ligada aos fatos e coisas do General, o que por enquanto não passa de ação duvidosa.

Finalmente, na parte da conclusão das cartas, as *rotinas de fecho* indicam o momento do término da interação. O modelo AICE subdivide essa rotina verbal em:

(i) “ato confirmativo do elo relacional entre os interlocutores”, apresentado por meio de expressões que atestam o vínculo de amizade de Dória e Calasans:

Epifânio Dória

... do velho amigo

... velho conterrâneo e amigo

...do velho admirador e amigo

José Calasans

... o amigo

... seu amigo e admirador

... amigo

... o admirador e amigo

(ii) “ato de saudação disjuntiva de despedida”, que, segundo Seara (2006, p. 316), verbaliza “uma saudação não verbal que é efectivamente de impossível realização”. É expresso, muitas vezes, pelo desejo de contato físico com o interlocutor:

Epifânio Dória

Um abraço para vc...

Abraços...

Receba um abraço...

Um grande abraço...

José Calasans

Com agradecimentos e braços...

Abraço...

Abraços...
 Abraços e agradecimentos...
 Afetuoso abraço...

As saudações de despedida podem vir acompanhadas por uma extensão de cumprimentos a terceiros, caracterizando-se como atos euforizantes:

Epifânio Dória
 Envia-lhe abraços...
 Felicidade para o seu menino e respeitosa recomendações à delicada esposa.
 Tapuia manda lembrança à Dona Lúcia, o que eu também faço.

Ou acompanhadas por expressões que denotem criatividade, admiração ou predisposição para auxiliar um amigo, demonstrando grande consideração e valorização do pacto epistolar:

Epifânio Dória
 O meu abraço e os meus oferecimentos para o que de mim desejar e estiver ao meu alcance.
 Ao seu dispor o velho conterrâneo e amigo.

José Calasans
 Aqui fica, sempre aguardando suas ordens, ...
 Mande ordens...
 Mande sempre no amigo Calasans.

(iii) “ato de solicitação”, através do qual o remetente faz algum pedido ao seu interlocutor:

Epifânio Dória
 Não deixe de mandar-nos o seu trabalho proferido aqui no centenário do Marechal Siqueira.
 Poderá você conseguir-me aí para a coleção do nosso Instituto, o nº 71 da revista do co-irmão bahiano?
 Nunca mais pensou no meu pedido de referência a descoberta da origem do nosso 24 de outubro?
 Reveja a sua coleção a fim de examinar se lhe falta algum número.
 Depois lhe contarei episódios como os meus empréstimos de livros.

José Calasans
 Coloque em funcionamento a memória e diga, por favor, o que sabe a respeito dos pontos referidos, bem assim qualquer outra informação sobre o movimento de 30 na Bahia.
 Recomende-me aos seus e nossos amigos do Instituto.
 Que notícias me dá do seu José e de Iracema? Recomende-me a Moreno, Damiaão, Felte, Tapuia, Professor José Augusto, Magalhaães Carneiro etc.

A identificação da autoria da carta se dá através do “ato de subscrição”, ou seja, a assinatura ou rubrica do emissor:




Epifânio Dória José Calasans

Figuras 4 e 5 - assinaturas presentes no *ato de subscrição*

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além da divulgação de documentos históricos, como são as correspondências pessoais arquivadas em diversos arquivos, institutos e bibliotecas, este trabalho procurou compreender os mecanismos linguístico-textuais de produção de uma das práticas sociais e discursivas mais utilizadas em tempos pretéritos, a escrita de cartas.

A análise da troca epistolar entre duas das personalidades mais representativas da cultura e intelectualidade sergipana, ligadas por laços de amizade, Epifânio Dória e José Calasans, possibilitou revelar o espaço de cumplicidade que construíram ao longo de dezesseis anos de distância geográfica, espaço aberto por partilharem interesses comuns, como a busca pelo conhecimento, o desejo de compreender melhor e divulgar a história e a cultura de sua terra natal, a associação com o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e, sobretudo, a vontade de manter a amizade.

Como leitores, invadimos a privacidade de homens públicos, reconhecendo seus traços personalísticos e episódios de sua vida pessoal, e adentramos na antecâmara de sua criação, tendo acesso a interessantes diálogos intelectuais e científicos e ao *status nascendi* de uma ideia, um projeto, um texto ou uma obra.

Nessa perspectiva, a análise realizada foi capaz de expandir o universo de significação compreendido por essas correspondências, de modo que explicitou detalhes extrínsecos e intrínsecos de tais documentos, comentando-os e analisando-os com o devido rigor científico.

A elaboração do presente trabalho atestou que realizar um estudo acerca do gênero epistolar não é uma tarefa simples, visto que a carta é um gênero híbrido, que encerra em si múltiplas especificidades e contempla um campo muito fértil de pesquisa. Contudo, ao inseri-la no contexto dos estudos filológicos e pragmático-discursivos, foi possível revelar que a elaboração de cartas não se dá sem planejamento, mas exige a escolha de uma série de estratégias textuais e linguístico-discursivas, especialmente porque o discurso epistolar se constrói a partir dos sujeitos envolvidos nessa interação, os quais, por sua vez, se constroem na relação um com o outro. A carta é, portanto, o espaço de sociabilidades.

REFERÊNCIAS

- Adam J-M. Por uma colaboração das ciências do estabelecimento dos textos (genética, filologia, tradução). In: Rodrigues MGS, Silva Neto JG, Passegi, L, organizadores. *Análises Textuais e Discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez; 2010. p. 15-43.
- Brito S. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Lisboa: Chiado Books; 2018.
- Campello LOS. Os guardados de Epifânio Dória: abordagem arquivística em arquivos pessoais. *Revista do IHGSE*; 2011;1(41):409-423.

- Campello LOS. Epifânio Dória e o IHGSE: 64 anos de contribuição para a preservação do patrimônio documental e da memória sergipana e nacional. *Revista do IHGSE*. 2012;1(42): 01-25.
- Costa RF, Sá JF. O espólio epistolar de Hermes Fontes: considerações e proposta de edição. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2018;20(2):191-210. [citado 12 out. 2019]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/150604>.
- Dantas I. Calasans e o IHGSE. In: Albuquerque S, organizador. José Calasans e Sergipe. Aracaju: IHGSE; São Cristóvão: UFS; 2016. p. 20-37.
- Diaz B. O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Hervot B, Ferreira S, tradutoras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2016.
- Haroche-Bouzinac G. Escritas Epistolares. Ferreira LF, tradutora. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2016.
- Kerbrat-Orecchioni C. L'interaction épistolaire. In: Siess J., organisateur. La letter, entre réel et fiction. Paris: Sedes; 1998. p. 15-36.
- Leite MQ. A Carta Pessoal: Metodologia e Análise. In: Gil BD, Cardoso EA, Condé VG, organizadoras. Modelos de Análise Linguística. São Paulo: Contexto; 2009. p. 115-134.
- Muhana AF. O Gênero Epistolar: Diálogo *per absentiam*. *Discurso*. 2000;(31): 329-345. [citado 10 out. 2019]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38043>.
- Nunes MT. José Calasans. In: Barreto, LA, organizador. Personalidades Sergipanas. Aracaju: Typografia Editorial; 2007. p. 86-87.
- Seara IR. Da epístola à mensagem electrónica: metamorfoses das rotinas verbais [tese]. Lisboa: Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, Universidade Aberta; 2006.
- Seara IR. A palavra nômada. *Contributos para o estudo do género epistolar. Estudos Linguísticos*. 2008;1:121-144.
- Seara IR. A confissão intimista na correspondência amorosa de António Lobo Antunes: estudo pragmático. *Anais do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. A Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntas culturas*. Évora: Universidade de Évora; 2010, p. 77-97. [citado 09 nov. 2019]. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt61/06.pdf>.
- Silva JQG. Um Estudo sobre o Gênero Carta Pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos [tese]. Belo Horizonte, Minas Gerais: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2002.